

RESENHA

PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (orgs.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*. Campinas: Mercado de Letras, 2013, 376 p. (*Série Bakhtin - Inclassificável*, v.3).

Maria Bernadete F. de Oliveira*

O terceiro livro publicado na série *Bakhtin-Inclassificável*, organizado por Luciane de Paula e Grenissa Stafuzza, focaliza temática muito cara à contemporaneidade, qual seja, o pensamento interacional, abordado em múltiplos textos, atravessados vários deles por intersecções com vozes vindas de diversas áreas como a Filosofia, as Ciências Sociais, a Psicanálise e os próprios Estudos da Linguagem.

Sem dúvida alguma, o pensamento interacional é um campo de estudo privilegiado nos escritos do Círculo de Bakhtin, desde os textos dos anos 20 e 30, nos quais um dos pontos primordiais diz respeito à defesa da alteridade como constitutiva do ser humano. Mais tarde, essa dimensão da alteridade passa a configurar o modo dialógico de funcionamento da linguagem, com ênfase na ideia de que o enunciado está sempre orientado, construindo-se e ao mesmo tempo em resposta a vozes que lhes antecedem ou que lhes são posteriores.

O livro está organizado em 11 capítulos, em língua portuguesa, além de outros três, que são reproduzidos em suas línguas originais, seguidos de uma apresentação dos autores. Os artigos organizam-se em duas direções. De um lado,

* Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Natal, Brasil; mariabernadete01@gmail.com

estão aqueles que tratam o pensamento interacional, conforme presente nas propostas do Círculo, discutindo algumas de suas principais temáticas relacionadas à alteridade, à ideologia e à filosofia. De outro, os que fazem o diálogo acontecer entre as ideias de Bakhtin e outros pensadores em várias áreas das Ciências Humanas.

Entre os artigos que se inserem no que denominamos de primeiro bloco, inscreve-se o texto de Galin Tihanov, A descoberta de Mikhail Bakhtin e as lições que ele tem para nós, uma revisitação sobre a descoberta de Bakhtin na Rússia e no Ocidente, ao lado de uma interpretação do que Bakhtin teria descoberto como pensador. Com relação à descoberta de Bakhtin na Rússia, no começo dos anos de 1960, no dizer de Tihanov, esse fato assemelha-se a um verdadeiro “romance de aventuras”, tanto pelos personagens envolvidos como pela interpretação de seus escritos como um antídoto à escola soviética de Semiótica e Estruturalismo. Por outro lado, destaca que, no Ocidente, essa recepção desenvolveu-se sob os auspícios do Formalismo e do Estruturalismo. Na França, por exemplo, Kristeva, ao considerar o estilo de Bakhtin estranho ao espírito cartesiano dos franceses, apropria-se da noção de diálogo, transformando-a em intertextualidade. Destaca, por exemplo, o fato de que categorias centrais nos escritos de Bakhtin, como corpo, discurso e o território entrelugares, não foram devidamente percebidas ou interpretadas. Em um segundo momento, por de uma comparação entre a análise do romance em Bakhtin e em Gustav Sphet, Tihanov afirma que a originalidade de Bakhtin como pensador consiste em sua característica de ser um grande sintetizador que se apropriou de vários discursos especializados, remodelando-os e aumentando seu campo de ação. Segundo ele, esse percurso pode ser percebido na transição de temas relacionados à ética e à estética em seus primeiros escritos, para uma filosofia da cultura em livros mais maduros. Ao concluir, Tihanov afirma que a marca intelectual de Bakhtin seria a gradual forjadura de uma plataforma teórica estruturada sobre um humanismo descentrado que celebra a alteridade ao invés da diferença, concebendo um ser humano capaz de resistir e persistir face aos monopólios da verdade única.

Em seguida, Luciano Ponzio, no artigo intitulado O ininterrupto diálogo de Bakhtin com a filosofia do nosso tempo, recupera a autodenominação de Bakhtin como filósofo, afirmando que ele se interessava pelo pensamento filosófico da escola de Marburgo. Contudo, afirma Ponzio que, embora Bakhtin partilhe com esses pensadores a noção de que o ser humano é um animal simbólico, não estaria

descartada sua aproximação com o pensamento marxista, ao aceitar que a linguagem é a consciência, real, prática, existente para outros homens e, portanto, existente também para mim mesmo. No decorrer do artigo, Ponzio destaca alguns exemplos que apontam para esse compartilhamento com outros pensadores, como, por exemplo, o conceito kantiano de “arquitetônica” que, em Bakhtin, é pensado como um dispositivo espaciotemporal e axiológico de organização do mundo. Outro momento desse diálogo faz-se presente em sua proposta de uma noção não mecanicista da totalidade, conforme pode ser lido em *Arte e Responsabilidade*, com relação à metáfora marxista da relação entre estrutura e superestrutura. Ponzio discorre sobre as possíveis diferenças entre Bakhtin, Sartre e Heidegger, no que diz respeito à noção de alteridade, concluindo o artigo com comentários sobre a visão carnavalesca, para ele, ícone caracterizador da visão cósmica da filosofia bakhtiniana.

Seguem-se o terceiro, quarto, quinto e décimo artigo, nos quais as relações dialógicas são travadas entre o pensamento de Bakhtin e outros renomados autores. Assim é que Adail Sobral adentra na discussão de uma interface possível entre Saussure e o Círculo de Bakhtin, mediada por Émile Benveniste, a quem Sobral considera como um representante *rebelde* do saussurianismo, ao ensaiar os primeiros passos na direção de uma Linguística da Enunciação. Esse artigo apresenta primeiramente alguns elementos do que constitui as bases da concepção dialógica da linguagem, em seguida apresenta uma leitura das propostas de Benveniste e, finalmente, faz uso dos argumentos arrolados para empreender *uma leitura* (como sempre, *sem alibi*) das principais formulações de Benveniste. Sintetiza o objetivo das teses do Círculo como sendo a análise dos fenômenos humanos ancorada no reconhecimento da provisoriedade da condição humana, no sentido em constante fazer-se, na instauração de uma tensão dialógica em que estabilidade e variação se confrontam, combinam-se e refletem-se em refração, *ad aeternum*. Em Benveniste, visita vários textos com ênfase naqueles que tratam da subjetividade na linguagem e do aparelho formal da enunciação, considerando que Benveniste, embora mantenha as bases dicotômicas da obra de Saussure, ao acenar para uma incorporação da *langue* e *parole* no plano da enunciação, propicia uma interface com o Círculo de Bakhtin.

Os artigos Bakhtin e Lukács: a palavra viva no interior das contradições, de Maria Virgínia Borges Amaral; Bakhtin e Foucault: apostando em um diálogo, de Cristine Gorski Severo; e, Bakhtin e Pêcheux: atravessamentos teóricos, de

Maria de Fátima Fonseca Guilherme, fazem o pensamento de o Círculo dialogar com pensadores clássicos da Sociologia, da Filosofia e da Linguística respectivamente.

O objetivo do texto de Amaral é analisar o percurso da produção intelectual dos referidos pensadores, visando identificar o ponto de convergência entre eles, explorando os aspectos que os fizeram entrar na história do conhecimento. Parte sua análise de leitura das teorias idealistas, derivadas do neokantianismo, as quais conduziram Lukács, a partir de uma ancoragem hegeliana, a buscar uma compreensão do fenômeno da totalidade, em uma crítica severa aos pensamentos idealista e formalista. Bakhtin, por sua vez, a partir das mesmas leituras, investiria em seu projeto de crítica ao “teoricismo”. De acordo com a autora, se a literatura e a filosofia aproximaram Bakhtin de Lukács, foram também esses campos do conhecimento que os separaram. Em resumo, em um texto provocativo, a autora afirma que ao não se dizer dialético e face ao marxismo dissimulado, Bakhtin gera uma grande contradição no seu próprio caminhar teórico, já que seus estudos refletem os princípios orientadores da teoria dialética.

O artigo de Cristine Gorski Severo discorre sobre um possível diálogo entre Bakhtin e Foucault, a partir do posicionamento de ambos sobre questões de linguagem, ética e, direta ou indiretamente, política. De início, a autora chama a atenção para o fato de que esses dois pensadores partilham de um pensamento que não se permite a um fechamento ou a uma rotulação fácil. Nesse sentido, afirma que o pensar diferente, corajoso e livre, como fazem Bakhtin e Foucault, implica em riscos, trazendo no seu bojo a possibilidade de uma nova via para se compreender as verdades, os sujeitos e o mundo. O artigo discute os conceitos de língua-discurso, relações de poder, dialogismo e ética, a partir das afinidades em torno da noção de enunciado, das noções de carnavalização e das forças centrífugas e centrípetas, operantes sobre a língua. A dimensão ética, por sua vez, pode ser estabelecida pelo conceito de parresia, presente nos últimos textos de Foucault.

O foco de Maria de Fátima Fonseca Guilherme, no artigo Bakhtin e Pêcheux: atravessamentos teóricos, centra-se no plano da epistemologia, buscando compreender cada um desses teóricos em sua singularidade. Para apontar as possíveis convergências epistemológicas, aborda as noções de signo, língua e discurso, as semelhanças entre dialogismo e formação discursiva, entre dialogismo e interdcurso, o posicionamento acerca da questão da enunciação e, finalmente, as noções de História e Historicidade. Destaca a autora que nos dois autores emerge

um compromisso com uma teoria da linguagem que ultrapasse a língua em sua imanência e o sujeito em sua fisiopsicologia.

As questões relacionadas às temáticas da ideologia, alteridade e gênero são tratadas nos artigos seis, sete, oito e nove. O texto de Carlos Alberto Faraco reflete sobre a ideologia no/do Círculo de Bakhtin. Escrito rico em citações e referências na abordagem de uma temática, a nosso ver, fundamental à compreensão da rede conceitual do Círculo. Segundo Faraco, embora a recepção brasileira dos trabalhos de Bakhtin e de seu Círculo tenha sido fortemente identificada com a palavra *ideologia*, curiosamente, esse termo é relativamente de baixa ocorrência e heurísticamente pouco produtivo na maioria dos textos assinados por Bakhtin. Destaca sua presença em O discurso no romance, quando o termo *ideologia* é usado para que se possa compreender os conceitos de heteroglossia, de línguas sociais/ vozes sociais e a noção de estratificação socioideológica da linguagem. Assim é que o termo ideologia assume em Bakhtin sua natureza descritiva, em interação com a axiologia e com a refração. Já, em Voloshinov, no *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, a discussão sobre o signo ideológico, arena onde se desenvolve a luta de classes, sugere uma vinculação estreita entre classes sociais e a estratificação sócioaxiológica da linguagem, embora, na interpretação de Faraco, ao admitir que a linguagem do proletariado também refrata o mundo, Voloshinov compromete-se com o infindo, com o inesgotável, com a não superação definitiva das contradições, argumentos bastante caros ao pensamento do Círculo, o que parece introduzir um conflito com o conceitual marxista dominante à época na URSS.

Maria Teresa de Assunção Freitas, por sua vez, trata da questão da alteridade em Bakhtin, noção que, por sua própria definição, pressupõe uma interação entre pelo menos duas consciências. Maria Teresa adotou como critério de escolha para discutir identidade e alteridade, os textos cuja autoria é atribuída apenas a Bakhtin. Sua abordagem percorre essas noções explorando de que maneira o *eu* se constitui como uma entidade que executa atos responsáveis no mundo, ao mesmo tempo em que o *eu* e o *tu* constituem a fonte dos centros valorativos no mundo da vida. Para Freitas, a perspectiva discursiva para a temática Identidade e Alteridade emerge principalmente no livro sobre Dostoiévski e em suas discussões sobre o romance nos anos 1930, encontrando ecos nos Apontamentos escritos em 1970-1971, quando Bakhtin reafirma a ideia de que para cada pessoa as palavras se dividem em palavras próprias e alheias e que o sujeito vive imerso nas palavras do

outro. Finaliza o texto, apontando para o fato de que, nos escritos bakhtinianos, a concepção de identidade não se fecha no *eu*, está sempre aberta a uma alteridade, direcionando-se para o múltiplo, o diferente, dessa forma, uma relação com indicadores que permite olhar para as práticas discursivas da contemporaneidade.

De Nigris insere-se também em uma discussão na qual a interação é constitutiva. Afirma essa autora que Bakhtin interessa-se pela relação *eu-outro* como uma forma de pesquisa dos procedimentos culturais e que, com esse objetivo, ele procurou observar essa relação em vários textos culminando com as análises de Rabelais e de Dostoiévski. O foco deste capítulo é refletir brevemente sobre a construção da relação *eu-outro* na Antiguidade, na Idade Média e no Renascimento, apontando para as possibilidades de análise no fim do século XX e começo do XXI. Destaca a forma que aquele estudioso russo utiliza para explorar a relação *eu-outro*, a partir do contexto greco-romano arcaico, isto é, acompanhando a constituição da cultura na *grande temporalidade*, tendo o mérito de retomar e reforçar o caráter positivo da cultura popular. Segundo ela, a circulação massiva da informação no século XX e início do XXI e a rapidez com que os meios tecnológicos a colocam à disposição dos seus usuários impõem novos desafios para os estudos da alteridade. Nesse sentido é que a perspectiva bakhtiniana da constituição social e história das produções culturais permite orientar reflexões fecundas sobre as práticas discursivas contemporâneas auxiliando a compreensão dos novos gêneros que circulam na sociedade, herdeiros de um passado clássico e reapresentados sob novas vestimentas.

Em *O gênero e o estilo na literatura de autoajuda*, Arnaldo Cortina discute a relação entre gênero e estilo, apontando de início que, o gênero, em suas características de instabilidade e de heterogeneidade, move-se por caminhos diferentes daqueles trilhados pelos estudos estilísticos clássicos. No artigo, Cortina apresenta sua proposta de análise dos textos de autoajuda, em publicações brasileiras, latino-americanas, norte-americanas e europeias, ora entendendo esses textos como gênero, ora como estilo. Após categorizar os textos, a partir de diversas temáticas, constata que há um equilíbrio entre os textos de autoajuda, permitindo classificá-los como pertencentes ora aos gêneros primários, ora aos secundários. Por outro lado, afirma que parece ser possível reafirmar a proposta de que a autoajuda é um novo gênero que consiste na transformação e na reapropriação de gêneros antigos.

Por último, o instigante texto de Íris Zavala, Bakhtin e a filosofia do tango, reflete sobre a presença da cultura popular nas letras do tango que se referem aos seres humanos por de uma visão trágica de mundo, no sentido nietzschiano e dionisíaco. Os tanguistas, no dizer da autora, conduzem-nos às margens, onde o sentido vacila, desfalece, tropeça, fazendo surgir a língua em sua dimensão de órgão nos dizeres lacanianos. A autora aponta várias possibilidades de análises dessas letras de música a partir de uma orientação bakhtiniana, como, por exemplo, a metáfora dos tesouros do sentido, que ressignificam, ressurgem, transitando de um gênero para outro, de esfera para esfera da criação humana. Outra noção, diz respeito à visão do *outro*, essencial em Bakhtin, e que, na luta contra a palavra autoritária, surge na música moderna, em seus representantes, o tango e o bolero. Bakhtin é ainda chamado para entrar em cena com relação à sonoridade, que, embora específica da esfera musical, é compreendida como aquilo que não está apenas no vocalizado, mas também na percepção do som sobre o fundo do silêncio. Diz a autora ainda que, embora marcado pela tristeza e não pelo riso, o tango comunga com a carnavalização em seu aspecto de transgrediência. E, é no seu canto à dor e ao sublime que o tango, ao nascer com a modernidade, torna-se uma fonte direta de diversos “mal estares” da cultura dessa época.

Esperamos ter apresentado aos leitores uma interpretação dos pontos mais discutidos nos artigos que constituem esse volume, entendendo que a publicação desse conjunto de textos, com ênfase no pensamento interacional, fornece subsídios à produção já existente, abrindo espaços para novos caminhos, novos olhares, instigando novas pesquisas.

Recebido 21/05/2013

Aprovado 29/05/2013